

MINO CARTA

Os dias difíceis de FHC

Está ficando claro que a reeleição não é fava contada

Preocupação dos governantes é a de fazerem seus sucessores. Isso em países democráticos tem a ver com a permanência no poder deste ou daquele partido. No Brasil, essa preocupação marcou até a atuação dos generais-presidentes do regime militar. No caso, tinha a ver com a permanência no poder desta ou daquela facção fardada. Havia duas, basicamente, flutuando por sobre uma corporação aglutinada pelo espírito de corpo, toscas idéias de vaga inspiração positivista, a retóricas do patriotismo e a aspiração desenvolvimentista. Pombos e falcões.

A Sorbonne e a Vila Militar. Castelo Branco, sorboniano, não conseguiu fazer seu sucessor. Após sete anos, houve uma espécie de desforra: Emilio Garrastazu Médici teve de engolir Ernesto Geisel. Já a escolha de João Figueiredo configura um episódio bastante confuso. Ao que tudo indica, Geisel cedeu diante dos argumentos do seu conselheiro-mor, o general Golbery, o qual, tempos depois, teria razões para se arrependar pela indicação de Figueiredo. Coisas do passado. Agora temos um presidente, eleito diretamente, que cavou uma forma inédita — inédita na história brasileira — de resolver o problema sucessório.

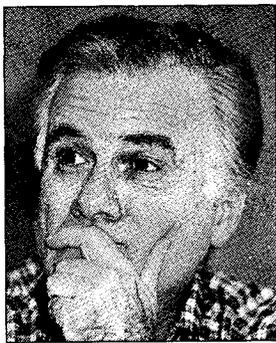
Com a reeleição, Fernando Henrique vira o candidato de si mesmo. Diga-se que a preocupação sucessória foi, e é, para o

cidadão consistente, um homem sincero e um político de muita experiência. Me vem à memória um dia de campanha de 1982, numa cidadezinha do interior de São Paulo, região açucareira, em que estive ao lado dele na boléia de um caminhão transformada em palanque. Quem fazia o comício, naquele momento, era outro, mas percebi que Covas estava comovido. Perguntei: por quê? Ele disse: "Povo esperançoso me comove sempre". Estava com os olhos luzidios. Era o começo da noite de um longo dia de deslocamentos de uma cidade a outra, atravessando canaviais,

encabeçadas pelo carro de André Franco Montoro, candidato ao governo do estado. Na hora do almoço, nas cercanias da grelha de um churrasco organizado na casa de um cabo eleitoral, surgiu em cena Fernando Henrique, mas horas depois ele não foi visto na boléia.

A decisão de Covas de não concorrer à reeleição é muito mais que um bom assunto para as conversas do restau-

rante Massimo de São Paulo ou do Piantella de Brasília. É mais, até, que indício dos limites do PSDB. É, em primeiro lugar, a demonstração do teorema dos limites do próprio Fernando Henrique, um presidente que apostou demais no seu charme de sedutor e no Real estabilizador — e jogou o tempo inteiro como se os destinos do Brasil pudessem estar subordinados



O campo volta a agitar-se, os números do desemprego crescem, disparidades sociais se aprofundam

presidente-sociólogo mais que forte, avassaladora. Um resumo de quase três anos de governo vai soletrar inexoravelmente que a reeleição foi a única obra substancial levada a cabo por FHC. Quanto ao Real, herdado do governo Itamar, houve apenas o empenho em mantê-lo. Sim, foi implementado um programa de privatizações, bem adiantado a esta altura. Cabem, porém, umas tantas dúvidas sobre a maneira como está sendo realizado, sobre aqueles que beneficiou e sobre o destino que se deu à grana recolhida na operação. Não vimos, por exemplo, investimentos notáveis na saúde e na educação, áreas clássicas de reserva estatal, tanto mais quando esta é da competência de quem declara professar fé social-democrática. Mas se justificam dúvidas também sobre a qualidade dessa fé e muitas mais sobre os métodos e o próprio tino político do presidente-sociólogo, e ainda sobre a confiança depositada nele por quem o enxerga como um estadista.

De um estadista, de alguém habilitado a mudar o rosto do Brasil, talvez devêssemos esperar por alguns lances grandiosos. Qual seria, por exemplo, acorrer a Corumbiara e Eldorado dos Carajás, logo após as chacinas que celebrizaram tragicamente esses cantos remotos do país, para pronunciar sobre a terra ensangüentada discursos épicos e definitivos. Essas são as oportunidades em que o herói se projeta. No entanto, o presidente-sociólogo parece preferir entregar-se aos delírios pseudo-culturais de sua recente entrevista a *Veja*, ou a falas humorísticas sobre a proliferação das dentaduras. Ocorre que, em tempo de estabilidade econômica, essa basta para compensar os eleitores. Tudo muda, se o tempo muda. Agora a meteorologia econômica atravessa uma fase inquieta, com alguns sintomas de pré-turbulência. Os dados estão aí, à vista de todos, embora não falte quem queira ignorá-los, a começar pelo governo. O campo volta a agitar-se, os números do desemprego crescem, disparidades sociais se aprofundam. Largas fatias do empresariado estão insatisfeitas. O receio de um ataque especulativo turva o sono de muita gente. Nada disso favorece as ambições fernandistas.

Nesse quadro é que explode a bomba Covas, enquanto alguns tucanos se apressam a despir as penas. Mário Covas é um

aos seus planos pessoais. Jamais, na história nativa, houve um governante disposto a aplicar o princípio do divide et impera, dívida para mandar, de uma maneira tão ostensiva. Quer dizer, possivelmente tão ingênua: aí vem do outro lado um touro miúra, de cabeça baixa e chifres em riste. Aliás, Covas pode ser bem mais compacto no choque que um miúra. Talvez Fernando Henrique se julgue um Manolete, bailando soberano no meio da arena. Mas há também limites para a paciência dos miúras. Manolete descobriu isso quando era tarde.

Não compararia Almino Afonso com o touro da corrida. Nem por isso, deixou de dar um encontro vigoroso no nosso garboso presidente. Diz Almino: Fernando Henrique não age com pragmatismo para firmar a aliança com o PFL, pretensamente indispensável, e sim porque acredita no que faz. Se pratica uma política de muitos pontos de vista anti-social, não é para agradar a turma pefelista, mas porque corresponde às suas próprias idéias, com a inestimável colaboração dos irmãos Mendonça de Barros e de Gustavo Franco. É uma visão, essa, que não deixa de ter seu lado surpreendente, ou assustador. De todo modo, é a visão de quem conhece bem Fernando Henrique e faz questão de chamá-lo dileto amigo, mesmo na hora de abandonar o barco tucano.

Me pego a pensar, neste instante, nas gargalhadas de um almoço da cúpula do PSDB, em Brasília, no dia seguinte a um encontro de FHC com Serjão no Alvorada, encontro dedicado, oficialmente, à reprimenda presidencial por certa entrevista dada pelo ministro das Comunicações à costureira *Veja*. A tigrada sabia que tudo não passava de encenação e se ria do PFL, atacado por Serjão, e de nós todos que estamos na platéia. Essa é a manobra useira. Lá vem o Serjão, quando Fernando Henrique acha preciso, a desanca os aliados com a mesma paz de espírito com que o presidente-sociólogo pisca para Paulo Maluf e outros adversários da tucanagem. Instala-se aqui a sensação de que esse pessoal nos considera um conveniente bando de cretinos. Tudo bem. De qualquer maneira, três coisas estão certas. Primeira: o PSDB não é o maior partido do Ocidente. Segunda: a reeleição de Fernando Henrique não é fava contada. Terceira: o Brasil não é um país feliz.